

CENTRO UNIVERSO BELO HORIZONTE
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE ENFERMAGEM

JHOLIEY KEBERTH AMARO DA SILVA
JORDÂNIA EDUARDA XAVIER CARVALHO
LUCIENE PATRICIA DINIZ
RAFAELLI MILENA DA SILVEIRA GUIMARÃES
TIAGO SILVA DINIZ

RESENHA CRÍTICA - SABER CUIDAR - CAP. VII: NATUREZA DO CUIDADO

Belo Horizonte

2023

CENTRO UNIVERSO BELO HORIZONTE
PRÓ- REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE ENFERMAGEM

JHOLIEY KEBERTH AMARO DA SILVA
JORDÂNIA EDUARDA XAVIER CARVALHO
LUCIENE PATRICIA DINIZ
RAFAELLI MILENA DA SILVEIRA GUIMARÃES
TIAGO SILVA DINIZ

RESENHA CRÍTICA - SABER CUIDAR - CAP. VII: NATUREZA DO CUIDADO

Trabalho acadêmico apresentado ao Centro UNIVERSO - BH como requisito parcial para o aproveitamento da disciplina *Enfermagem em Cuidados Críticos*, do 7º período do Curso de Enfermagem.

Orientador/Professor: Thiago Diniz

Belo Horizonte

2023

Resenha crítica

Capítulo VII – Natureza do cuidado

Boff, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

No capítulo VII - *Natureza do Cuidado*, da presente obra, o autor elucida a transposição do cuidado, outrora, abarcada por um viés divino (fábula-mito de Higino), numa atmosfera de idealização e direciona-se para a fenomenologia do cuidado que se aproxima intimamente da consciência, materializando-se no fazer diário. A partir dessa premissa, nota-se que o ser humano e o cuidado não se relacionam de forma distanciada, mas se inter-relacionam, formando uma unicidade singular, sendo o cuidado requisito básico para a condição humana.

Segundo Martin Heidegger (1889-1976), o cuidado fundamenta qualquer interpretação do ser humano, portanto, para que seja possível compreender as necessidades individuais de cada paciente numa Terapia Intensiva, faz-se necessário embasar toda e qualquer ação no cuidado. Para tal, é importante que o profissional da saúde deseje e proporcione o bem-estar ao paciente, realizando as atribuições diárias atreladas ao cuidado essencial.

O cuidado começa com uma atenção às necessidades físicas do paciente, mas não se limita apenas a isso. Os cuidados com a saúde também envolvem um entendimento das necessidades emocionais e psicológicas dele, bem como sua história social e cultural. Além disso, o cuidado requer uma comunicação clara e efetiva entre os profissionais de saúde e o paciente, de modo a garantir que todas as informações relevantes sejam comunicadas e compreendidas.

Como um modelo de atendimento centrado no paciente, a natureza do cuidado é focada em proporcionar um atendimento holístico e personalizado. Isso implica em reconhecer que cada pessoa tem sua própria história, necessidades e circunstâncias únicas, e que esses fatores devem ser considerados ao fornecer assistência de enfermagem.

Contudo, será que a assistência prestada na Terapia Intensiva se volta para o cuidado, ou ela tornou-se mecanicista com o modo-trabalho, destituído do modo cuidado, operando na maior parte do tempo?

Nota-se que a natureza do cuidado na Terapia Intensiva é complexa e requer habilidades específicas da enfermagem que visa proporcionar assistência integral ao paciente grave e instável. A prática assistencial da enfermagem na Terapia Intensiva envolve a realização de procedimentos técnicos, a monitorização contínua do paciente e a administração de medicamentos, entre outros, o que exige uma demanda física e psicológica do profissional atuante neste setor.

No que diz respeito à filologia do vocábulo “cuidado”, tem-se do latim “cura”, termo que se relaciona bem com a Unidade de Terapia Intensiva, a qual deve representar um local de recuperação e restabelecimento da saúde do paciente. Já, “coera”, referindo-se à antiga forma de “cura”, remete ao desvelo e preocupação com o ente querido. No entanto, nem sempre esse vínculo que gera uma dedicação e comprometimento ao paciente é construído, acarretando num atendimento precário, desatento, que pode gerar danos e/ou agravos ao paciente. Segundo Padre Antônio Vieira, o cuidar traz em si uma inquietação, uma preocupação constante, o que se alinha com o estado de alerta na monitorização contínua do paciente na UTI.

Ressalta-se que este paciente se constitui o foco da atenção do profissional da saúde, o qual deve realizar o ato do cuidar humanizado e científico, onde se torna essencial o conhecimento da fisiologia humana, seus aspectos físicos e químicos, da condição psicológica e social do paciente, a fim de elaborar um plano de cuidado mais assertivo, seguro e de qualidade.

Segundo o poeta latino Horácio (65-8 a.C), “o cuidado é companheiro do Ser Humano”, ou seja, independente das circunstâncias e trajetórias sempre haverá situações em que se tem o ato de cuidar de alguém e o ato de ser cuidado. Desse modo, um laço de magnitude imaginária é construído.

Nota-se que, a todo o momento, o autor instiga a reflexão, elaborando uma perspectiva mais consistente e profunda sobre o conceito de “cuidado”, suas interpretações e conexões com o ser humano.

No que diz respeito aos dois modos de ser-no-mundo, o trabalho e o cuidado, eles se intercambiam na formação da realidade humana. Quando um sobrepõe exacerbadamente ao outro, pode-se ocorrer um desequilíbrio e impactar negativamente na qualidade de vida do paciente. Não se deve, porém crer que a realização de algo ocorre sem a presença do trabalho, o qual está fortemente inserido na natureza e no ser humano, assumindo um viés mais interventivo e estratégico. Justamente neste ponto em que se percebe a relevância do profissional em não se limitar a ser apenas um tarefeiro na execução de ações, mas um protagonista da saúde que detém o poder de intervir na vida do paciente, trazendo para si a consciência dos seus atos no fazer diário.

Na Terapia Intensiva o desafio é constante, elementos como agilidade, dinamismo, autonomia, poder de decisão rápida, eficácia e eficiência dependem de como a equipe se estrutura na linha do cuidado; se ela tende a ser de caráter meramente de execução ou se transcende no fazer consciencioso, humanizado e científico. Para tal, o ser humano, em meio a situações desafiantes, evolui no sentido de buscar amenizar os desgastes laborais; tem-se, por exemplo, a utilização das máquinas que realizam parte do trabalho, permitindo que o profissional foque em outros aspectos da assistência.

Deve-se pensar que a tecnologia, a robótica, o maquinário avançado não substitui o fazer humano, na sua totalidade, mas contribui significativamente na dinamização do tempo e na redução do desgaste humano provocado pelas atribuições laborais.

Atualmente, existe uma disputa de opiniões entre o trabalho humano e o tecnológico, onde há receios diante da ocupação do espaço do trabalhador por uma máquina. Contudo, deve-se pensar que dentro de uma Unidade de Terapia Intensiva a funcionalidade dos principais equipamentos eletrônicos como monitores multiparamétricos, ventiladores pulmonares, desfibriladores, oxímetros, eletrocardiógrafos, entre outros, facilitam o trabalho da equipe profissional, contribuindo para a elaboração de medidas terapêuticas que norteiam a recuperação mais segura e adequada do paciente. De fato, sem esses equipamentos tecnológicos não seria possível a rapidez e praticidade em fornecer o cuidado ao próximo com qualidade, eficácia e excelência. Isto leva à indagação do quão o cuidado tem que ser erudito, contínuo e empático.

Para que isso ocorra, efetivamente, necessário se faz com que o profissional interaja com a máquina e realize intervenções embasadas na correta coleta de dados, os quais serão transformados em informações através da interpretação e contextualização, além da elaboração de estratégia e execução do plano através do raciocínio clínico.

Infelizmente, mesmo com todo o aparato tecnológico, ainda existem lacunas a serem preenchidas no serviço prestado numa UTI: ora há precariedade na capacitação dos profissionais; ora o atendimento está focado apenas na realização de procedimentos, sem considerar o fator humano.

Ressalta-se que a rígida divisão entre o feminino (amorosidade, zelo, transcendência, paciência, coletividade) e o masculino (máquina, sobrevivência, agressividade, dominação) abriu espaço para modo-de-trabalho ditatorial.

Quanto à ditadura do modo-de ser-trabalho, conforme seu puro e objetivo significado de acordo com o dicionário que é “regime de governo onde o poder está concentrado nas mãos de indivíduo ou grupo”; dentro de um centro de tratamento intensivo podemos observar que os clientes/pacientes dependem incessantemente do trabalho das mãos humanas e de uma equipe multidisciplinar, no intuito de alcançar significativa melhora do seu quadro clínico, o que exige profissionalismo e empatia por parte de seus cuidadores.

Pode-se observar que desde os tempos antigos, o ser humano tem-se dedicado ao trabalho propriamente dito em busca exagerada e rigorosa, a fim de garantir uma produção perfeita sem intervenções, sem se preocupar com o ser em si, mas visando o valor monetário – fonte de renda maior, acabando por serem escravizados pela produção e descaracterizando a sua forma de trabalho, submetendo-se a uma árdua e exaustiva jornada de atribuições. Ao se deparar com o cliente dentro do CTI, os profissionais cedem ao excessivo trabalho, visando apenas cumprir as obrigações básicas monotonamente através de ações mecanizadas, repetitivas e até mesmo, impensadas: estado de “piloto automático”.

O modo-ser-trabalho retrata uma forma individualista, onde há ausência ou mínima preocupação com o entorno; o olhar volta-se apenas para o cumprir da carga horária e das atividades, posicionando o paciente em segundo plano, aniquilando a essência vulnerável e humana do cuidado, o qual, nesse contexto, é visto como frágil, representando um obstáculo ao aperfeiçoamento do trabalho.

Dessa forma, a humanidade limita e quiçá perde a visão de sua essência espiritual e empática em troca de se entregar exclusivamente ao trabalho.

Tem-se o rompimento da relação entre os humanos devido à luta de classes, sendo negociada e especulada a força de trabalho.

Se cada profissional que trabalha de forma direta ou indireta para o benefício de um paciente dentro de um CTI concentrar-se apenas em cumprir o dever de uma tarefa, sem ter um olhar crítico, clínico, humanizado e voltado para o cuidado, ele entregará apenas ao seu-modo-de-ser-trabalho e esquecendo-se da verdadeira motivação que o faz estudar e dedicar à área da saúde: a satisfação em cuidar.

Então, como se pode estabelecer a conexão entre trabalho e cuidado na assistência ao paciente numa Unidade de Terapia Intensiva? Como despertar a essência do cuidado em cada ser humano que está submetido à exaustiva carga de trabalho dentro de uma UTI?

Grandes desafios emergem sob a perspectiva filosófica do saber cuidar.

Primeiramente, cada profissional que escolhe atuar na área da saúde deve realizar um exercício básico de autoconhecimento: o quão se consegue trabalhar sob a pressão de decidir rapidamente, de forma metodológica e sistematizada; qual é o modo-de-ser-cuidado que o torna apto a ser responsável pela vida de alguém.

Sabe-se que as experiências do cuidado colecionam momentos de tristeza, alegria, indagações, responsabilidades, perplexidade, e além, o avanço do encontro do verdadeiro “EU”.

A partir de então, pode-se iniciar um resgate do cuidado, construindo uma reflexão sobre a importância de associar a emoção e o sentimento no trabalho, de maneira equilibrada, a fim de sentir-se tocado e desperto em agir em prol de outrem.

O profissional da saúde deve desenvolver um olhar holístico e integral diante do paciente, o qual não é apenas um corpo biológico que somente requer medicações e procedimentos mecanizados; e sim um ser humano que almeja e necessita ser cuidado por mãos humanas.

Quando o autor relata “foi no trabalho que os Seres Humanos formaram as culturas como modelação de si mesmo e da natureza”, enfatiza-se que o universo do cuidar, coexistente no mundo da Enfermagem, faz com que os cuidados específicos dentro de uma instituição hospitalar sejam modelados de acordo com as situações críticas vividas em um setor, exigindo um olhar humano e teórico.

Portanto, percebe-se que a máquina, por si só, não consegue realizar o acolhimento afetivo do paciente. É o ser humano que possui essa capacidade de assumir a responsabilidade pelo outro com empatia, respeitando as necessidades e singularidade de cada um.

O poder do cuidar é coletivo, remédio do amor, a ausência de preconceitos, a verdadeira conexão entre o ser e o humano.